

## Muniz Sodré relembra a história da capoeira no Brasil

Sodré, Muniz



***O capoeirista francês Petit Senzala fala sobre o sentido da prática no Estúdio móvel***

O Estúdio Móvel abre a roda para a capoeira que já teve papel na resistência cultural dos negros escravizados, sistema de defesa dos quilombos, esporte nacional e hoje é um dos símbolos mais fortes do Brasil no exterior. Para falar sobre quem são essas figuras fundamentais nos grupos vamos conversar com o capoeirista francês Petit Senzala, que tem um grupo sediado em Valence, cidade ao Sul da França, e vai bater um papo sobre o que é a capoeira representa em um mundo altamente globalizado. Quando questionado sobre o encantamento dos franceses com a capoeira Petit respondeu - *"Fazer parte de um grupo de capoeira dá uma força muito grande,*

*acho que essa filosofia de grupo que a capoeira tem, esse sentimento de pertencimento é o que faz as pessoas gostarem da capoeira”.*

No Estúdio, Liliane Reis conversa com o jornalista e sociólogo Muniz Sodré. Com cerca de 30 livros publicados na área de comunicação e cultura, incluindo o livro *“Mestre Bimba – Corpo de Mandinga”*, Sodré fala da experiência de ter sido discípulo do criador da capoeira regional. *“Foi através de Mestre Bimba que a capoeira começou a ser jogada de novo na rua. Foi ele quem cavou esse espaço, ele entendeu que para permanência daquilo que era proibido, naquela época a capoeira era proibida na Bahia e no Rio de Janeiro, era preciso dar uma respeitabilidade que fizesse penetrar no mundo branco.”*

Para Muniz Sodré a representação cultural que a capoeira alcançou foi mais eficaz do que as estratégias pensadas nas embaixadas brasileiras. *“É por isso que eu digo, isso pode até incomodar, mas a capoeira fez mais para cultura nacional, do que os adidos culturais nas embaixadas brasileiras. Levando a língua, a maneira de cantar e mais, levando a ideia de que na roda não tem discriminação racial”*